

# GAZETA D'ANGEJA

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500. Bra-  
zil 3\$000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs.  
Passado o dia 40 reis.

Redactores: — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

ADMINISTRADOR — SEBASTIÃO CORREIA DA COSTA

ANNUNCIOS E COMUNICADOS  
Por linha 40, Repetições 20 — Os snrs. assignan-  
tes tem 25 por cento de abatimento.  
Redacção — Rua dos Caldeiros n.º 250.

## SUMMARIO:

Reorganisação da policia de Lisboa.  
Carta das Caldas da Rainha.  
Noticiario.

### SCIENCIAS & LETRAS

Fioritto, (poesia) — Fernando Caldeira.  
Um baptisado — Emilia Gomes Quintães.  
Em caminho da Guilhotina (poesia) — Gonçal-  
ves Crespo.  
Temperamentos, (poesia) — Luiz Guimarães.  
Historia vulgar — Alvaro Lagrin.  
Folhas aridas, (poesia) — Vidal Oudinot.  
Idilio africano, (poesia) — Francisco Campos.  
Consolo, (poesia) — Ernesto Pires.  
Os olhos pretos — João da Cunha.  
Folhetim: O cabelo louro — A. Leão Martins.

ANGEJA, 31 DE AGOSTO DE 1887

## Reorganisação da policia de Lisboa

Affirma-se que o snr. ministro do reino tivera ha dias uma demorada conferencia com o snr. conselheiro Tenreiro, governador civil, substituto, de Lisboa, no intuito de tratar, quanto antes, da reorganisação da policia da capital. Parece que o assassinio do infeliz D. José Rodriguez y Gonzales não é indifferente a este movimento reformador. N'este intuito foram egualmente ordenadas varias pesquisas aos mais notorios vadios de Lisboa, em cujo poder se encontram os repugnantes instrumentos do seu sórdido mister.

E' preciso, e quanto antes, que Lisboa tenha um corpo policial á altura das escorias que a civilisação, a par dos seus beneficios incontestaveis, quasi sempre traz consigo. E'

preciso que Lisboa, a certas horas da noite, deixe de ser o theatro imperturbado dos sordidos rufiões de má nota, insolentemente patrocinados por uma vadiagem illustre, *marialva*, que lhes dá costas e figurinos. Isto não pôde continuar. A tal apregoada brandura dos nossos costumes, e que não é outra coisa senão uma das mil metamorfoses do egoismo mais descarado, permite que se consintam, como coisa regular e muito natural, bairros inteiros de patifes de pessima qualidade, ao centro dos quaes a propria policia, entre cauta e previdente, nos aconselha a que não passemos. Chega a ser monstruoso o que se consente dentro dos muros da capital de um paiz que não é precisamente regido pelas leis marroquinas. A certas horas da noite, o transito em determinados pontos de Lisboa é um risco a que ninguém, sem grave precaução, se abalança e afoita. Bandos de volteiros e de miseraveis, ora em motins, ora em serenatas obscenas, enchem esses desvios sórdidos, a cuja lama e alçada policial não ousa chegar. Reconhecido o *fadista*, pela facilidade da nossa indolencia, como um ser normal, e a sua vagabundagem insolente como uma tonalidade mesologica dos nossos costumes, esse miseravel exemplar tem redobrado de audacia, vindo descendo dos bairros sujos e sevandijados sobre a parte da cidade, que officialmente passa ainda por ser mais limpa.

N'estes ultimos tempos, favorecidas pela fraqueza da auctoridade e pela protecção da tal vagabundagem *illustre* que escorre das toiradas e dos lupanares, essas quadrilhas tem feito do *Rocio* o seu campo de manobras. A necessidade de, a certas horas da noite, não tomar por aquel-

le eirado de inclitos volteiros, impõe-se hoje a toda a gente pacifica, momentaneamente se se faz acompanhar de alguma senhora. Por alli só é corrente o transito dos varios exemplares d'aquella especie varia, quando, por lei de seu desenfado — que a perversão do senso moral chega a capitular de *estroinice* — alli vai buscar uma *tipoiã* com duas *pillecas* que os levem, a bom bater, para o Dáfundo. Vergonha e ao mesmo tempo deshonra de uma população morigerada, este cisco de podridão ainda, até hoje, não teve vassoira assás possante que o leve deante de si. E sabem por quê? Porque, de par com esses rotos insolentes, de calça apolainada, faca na algibeira e chapéu na nuca, vão muitos representantes das melhores familias de Lisboa, as que vem dos morgados feitos estroinas para disfarce da propria incapacidade moral e as que procedem da burguezia dinheirosa, posta na linha onde a velha aristocracia se degrada, para que d'este modo as turbas a tomem por planta da mesma raiz.

Mas esta selvageria infamante do nosso brio e do nosso nome deve ter cõbro. Esta malta de tolerados que explora, de noite, o crime e a bolsa alheia, contando ora com a covardia ou com a imbecillidade de uma policia defeituosa e deficiente, ora com a protecção de algum ramo illustre, sufficientemente derrancado, da nossa nobreza viciosa e pobre, está a pedir exterminio e caixa de monturos. Não se prenda, porém, como não suppomos, o snr. ministro do reino com falsas considerações ou errados respeitos. O morador pacifico e ordeiro, do mesmo modo que o estranho que nos visita e observa, tem plenissimo direito ao transito livre por toda a parte e a qualquer hora, sem que para dirigir-se a de-

terminados bairros precise de armar-se, até aos dentes, como Mambrino. Se ha zonas, no coração das quaes a vadiagem insolente estabelece o seu centro de operações, criem-se nas suas proximidades esquadras especiaes que as vigiem e policiem, com ordem de fazer manter a dignidade da lei, custe o que custar, e doa a quem doer. E' preciso acabar com uma vergonha, que vai tornada já em grandissimo perigo. E, se nas varreduras higienicas que se preparam apparecer acaso algum *marialva* extraviado, essa escorrença de uma falsa ou verdadeira aristocracia que se degrada até á immundicie, certa de que os titulos de seus progenitores caídos em desuso, ou o dinheiro da familia que deshonram os salvará do Limoeiro, não haja a mão reformadora escrupulo em lançar tudo no mesmo esterquilinio, conflagrada como deve sentir-se de que está praticando uma boa acção.

Oxalá que as pesquisas e informações a que o snr. ministro do reino está procedendo o levem, quanto antes, á nobre realidade do seu alto proposito, de modo a que *fadistas* e *marialvas* sejam, no futuro, apenas um documento da nossa decadencia, sem vestigios nem ramificação possivel n'um tempo cujo ideal deve ser a justiça, a moralidade e a segurança individual. Oxalá!

## CALDAS DA RAINHA

E' aqui aonde o comboio sibilando e soltando para o espaço espiraes de fumo, nos traz incessantemente

## FOLHETIM

### O CABELLO LOURO

O sol occultava-se detraz das seranias que se elevavam ao longe, e a terra, tepida ainda pelos beijos do astro-rei, exhalava uns aromas que inebriavam como carinhos de amor. E eu caminhava por logares desconhecidos a fim de dissipar vagas inquietações que me annuviavam a alma.

Sentia todos os dias as saudades do meu berço natal a enegrecerem-me a existencia. E julgava encontrar na distracção algum allivio para o meu penar!

Mas quem soffre encontra apenas na contemplação da natureza uma como illusão de alma, doce mentira do coração, que acalma por um momento com os seus encantos as dores e as angustias, porém bem depressa voltam todos os dissabores!...

N'essa tarde encaminhei meus

passos para um bosque, situado nos arrabaldes da cidade onde então vivia. E foi ahí que soube a historia que passo a narrar.

Era a primeira vez que alli ia. As melodias dos allados cantores, o cicar da viração, roçando com seus delicados beijos as debeis folhas dos arbustos, punham em minha alma um bem-estar indefinivel.

Quasi no extremo do bosque ficava uma bonita casa. Soube que o seu proprietario se chamava Augusto Moreno.

Era alto, trigueiro, olhos castanhos e cabelo preto.

Quando o vi estava sentado, e bastante pensativo. Apoiando a face na pallida mão percorria com a vista a sna habitação, e dir-se-hia que esse espaço era demasiado pequeno para conter as innumeras ideias que se lhe amontoavam na mente.

Depois volvia os olhos, ora para as brancas nuvens que em parte manchavam o firmamento, ora para as modestas flores que cresciam nos vallados; mas o seu semblante triste deixava advinhar que ideias horribes se atropellavam cada vez mais

Um dia Augusto Moreno entrou em casa cabisbaixo e melancholico. Chamou bruscamente pela esposa, Emilia Fabrit, uma joven, alva como o alabastro, córada como as tardes de maio, e possuidora d'um formoso cabelo preto, levemente ondeado.

—Disseram-me que toda a tua familia tinha cabelos pretos, disse Moreno.

—E' verdade, respondeu Emilia.  
—Pois, tornou elle, todos os meus avós tinham o cabelo preto. Vaes ser mãe e comprehendes, por tanto, que o nosso filho hade tambem nascer com o cabelo preto.

Augusto Moreno affastou-se, rindo cynicamente, em quanto a esposa, tremendo como a vergontea d'um roseiral sacudida pela nortada, caiu desmaiada.

E a brisa começou a gemer entre as copas das arvores, e a suspirar entre as plantas do campo.

E' em dezembro. Desceu de ha muito a noite. O furacão açoita rijamente os pinheiros. Os relampagos illuminam com uma luz pallida o arvoredço que se estorce nos vigorosos braços do vendaval.

Augusto Moreno, sentado e com os cotovêlos apoiados na mesa, contempla o retrato d'um formoso e sympathico joven. Vêem-se distinctamente uns cabellos louros que lhe aformoseam o semblante encantador.

Ao lado de Augusto Moreno está Valentim, seu amigo.

Moreno fitou mais uma vez o retrato e voltando-se para Valentim, exclamou:

—Juras-me então que é este o algoz da minha felicidade?

—Juro, disse Valentim. A tua esposa trahi-te durante a ultima viagem que fizeste. Appareceu esse mancebo que roubou o coração de tua esposa. Escrevi-te, contando-te tudo e hoje trouxe-te o seu retrato para o conheceres. Se quizeres, pô-

innumeras familias de Hespanha, Lisboa e outros pontos do nosso paiz; onde os hoteis regorgitam de banhistas a ponto de haver dias em que não é possível encontrar-se com o para uma unica pessoa; onde os dias se passam rapidos como fogos fatuos, que nos apraz passar alguns dias n'esta distincta villa onde os passeios, ora pelo Jardim da Copa ora pela Matta-Real, rivalisam com os melhores do mundo.

Com effeito é interessantissimo transitar por estes sitios a determinadas horas do dia, quando esta enchente enorme percorre as verdejantes e naturalmente bellas alamedas da Quinta-Real, fazendo de cada rua ou alameda um arraial, vendo-se e ouvindo-se d'aqui um idyllo em accção, d'alli outros em perspectiva, mais além umas apreciações de estalar com riso, por toda a parte grupos de esbeltas e desenvoltas hespanholas exhibindo o segredo das suas *toilettes*, dos seus singelos enfeites e de todos os artificios de sua plastica e *salero*, encantando e attrahindo os janotas portuguezes que involuntaria e inconscientemente levam o despeito e talvez o desespero ao coração das portuguezas!

Por outro lado meninas nas quaes a belleza não é contrabando nenhum, simulando indifference, mas nutrem no fundo do seu coração pulsante de amor, o mais profundo despeito para com as *salerosas* de Merida, que tanto lhes difficultam o mercado.

Isto que se observa á tardinha nos lindos passeios da Matta-Real, nota-se igualmente, entre o almoço e jantar, no Jardim da Copa, no salão de vidro, isto é na elegante e vistosa arcada entre as duas casas da assemblea ou nos salões da mesma assemblea, assistindo a distinctas *matinés*, em que a Baroneza de Paulo Cordeiro e a esposa do sr. Oliveira Feijão; lente da eschola medica de Lisboa, exhibem todos os primores da sua voz, maravilhando todos os assistentes, attrahindo ás salas do «Club» tudo quanto ha de mais fino nas Caldas.

E' sem duvida esta a hora em que na sala se veem todas as familias distinctas, gozando e admirando os bellos trechos de opera cantados pela esposa do sr. Feijão, a qual no dizer dos entendidos, leva a palma á sr.<sup>a</sup> Baroneza. Na verdade é um deslumbramento e causa admiração a portuguezes e hespanhoes que tantos são os que frequentam estas Caldas.

des matal-o, contando desde já com o meu auxilio.

O que Valentim narrou seria verdadeiro?...

Valentim fôra um dos pretendentes á mão de Emilia Fabrit, antes de ella conhecer Moreno, mas o seu amor foi despresado por ella.

E o odio mal reprimido até então principiou a morder-lhe atrocmente o coração.

Valentim amou-a, e aquelle amor transformou-se em odio.

Nunca lhe perdoaria. A sua vingança seria completa. Feril-a-hia na sua honra immaculada.

De modo que obtendo por intermedio d'um amigo a photographia de Arthur — esse jovem cujos cabellos louros aformoseam o seu semblante encantador — fez com que Moreno julgasse sua esposa infiel...

Ambos se levantaram.

Era severo o olhar de Moreno e em sua fronte havia alguma coisa de lugubre e horrivel.

— Pouco tempo me falta para me vingar, disse Moreno. Depois combinaremos tudo do melhor modo.

E Valentim despediu-se.

A' noite, as salas do jogo, o salão de vidro e o de dansa, e as partes visinhas do jardim, regorgitam de damas e cavalheiros.

Só alli se pôde ajuizar da enorme quantidade de gente, na sua maior parte de Hespanha, que frequenta estas thermas.

E' curioso no meio de tudo isto ver como correm as danças das 9 h. á uma hora. Primam, em regra, pelo desalinho, confusão, falta de auctoridade e a decencia, nem sempre é deitada em bons lençoes. Muitas vezes a anarchia se encastella alli e expulsa para o salão de vidro ou para o jardim, as pessoas serias e de educação que não podem resignar-se a assistir a spectaculos d'uma ordem tão baixa.

A Direcção da casa, composta de vavalheiros honestos, já renunciou a missão de pôr este anno as coisas nos seus verdadeiros termos, reconhecendo-se impotente para sustentar a ordem, invadida e alterada por aquelles *bonecos* de colleirinhos altos, bigodes frisados, botinha justa e calça apertada, psr esses *figurões* que servem de *palito* á sociedade séria e que pensam e sonham sempre na dança e no idyllo e cujo futuro é para elles coisa insignificante, que nada os preocupa. Pois são estes *dandys* inuteis, estes parasitas da sociedade, que por toda a parte são acompanhados pelo *rediculo*, que fogem do trabalho como o diabo da cruz, que entram na assemblea com pretensões de em tudo dominar e governar.

E' com effeito o que acontece. Chegada esta invasão (sem ser de barbaros) a anarchia é completa. As danças semi-carnavalescas são variadas.

O *con-can*, á *canna verde*, o *vira*, tem sido lembrados. N'este andar estamos certos que o *fado* não será esquecido.

## NOTICIARIO

**Acto religioso.** — Realizou-se como noticiamos em o numero 24 do nosso jornal, a festividade em Angeja, feita em honra do Martyr S.

Augusto Moreno sorrindo tristemente, encaminhou-se para o seu quarto, meditando uma triste vingança.

Cahira tudo em silencio apenas interrompido pelo vento que continuou toda a noite a gemer as suas monotonas queixas.

A 1 de fevereiro de 1881 Emilia Fabrit deu á luz um menino com um formoso cabello louro.

Oito dias depois Augusto Moreno apresentou-se diante de sua esposa.

— Vou matar o teu amante! Sou comtudo generoso, deixo o filho em tua companhia! E serás muito feliz se aquelle que maculou a minha honra me matar....

E sem attender á esposa que pretendia justificar-se, saiu precipitado, vendo ao redor de si sómente a deshonra com o seu negro cortejo de desespero e amargura.

Um torpór immenso apoderou-se de Emilia Fabrit, sentiu tonturas e suores frios que lhe inundavam o rosto. Sentia-se quasi morrer!

Sebastião. Tudo correu a altura, do que noticiamos, senão mais ainda.

No dia, a festa da igreja agradeu; e mais agradaria, se não fôra o estado em que esta se acha, pelas obras ali em construcção.

O orador da festa, o sr. padre Nogueira Simões de Moura, apesar dos seus graves padecimentos, tornou-se mais uma vez digno dos emoras, com que as pessoas religiosas e de bom senso tão justamente o teem honrado.

Em seguida á missa cantada, honve na fôrma do costume, a procissão, que ia muito grande, bem ordenada, com muita pompa, riqueza e asseio.

Na vespera, 'houve uma' noute cheia. O esplendor e a concorrencia, de mãos dadas, não faltaram para o brilhantismo da festa. Os artistas, cada qual na sua tarefa, capricharam no desempenho. O agrado e o contentamento espalhavam-se no rosto de todos; e em verdade o movel da festa assim o permittia. Não houve incidente desagradavel no meio d'um concurso tão numeroso; o que é para admirar e louvar.

São dignos dos nossos parabens, os festeiros, porque não se poupam a despesas nem a trabalho. Comquanto vivam a maior parte do tempo na capital do reino, que é grande em tudo, quando veem á terra que lhes serviu de berço, sabem mostrar aos seus patricios, o exemplo de bons filhos, respeitando seus pais; de bons cidadãos, respeitando-se reciprocamente; e de bons christãos, mostrando a todos, que arreigados n'alma teem os sentimentos religiosos, que beberam com o leite e que tanto ennobreceram os nossos antepassados.

**Missa do 3.º dia.** — O juiz do salão de S. José e encarregado do trabalho das cadeias da Relação do Porto, o sr. Albino Francisco do Rio, mandou dizer uma missa na enfermaria dos homens d'aquella casa, por alma do sr. dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, seu valioso protector.

Foi celebrante o sr. Manoel Xavier Lopes de Moraes.

A este acto religioso assistiram o sr. Sebastião Correia da Costa, director interino, e empregados d'aquella casa, os presos do salão de S. José em numero de 78, e um contingente d'outras prisões.

O sr. Albino Francisco do Rio mandou distribuir tochas accesas a

Dolorosos suspiros lhe escapavam dos labios, e assim ficou entregue á mais pungente dôr, sem um coração carinhoso que a abrigasse na sua cruel angustia, sem uma alma caridosa que lhe desse uma lagrima de piedade e um sorriso de consolação e amor.

Decorreu bastante tempo e sempre a mesma tristesa em sua fronte outr'ora alegre, sempre o mesmo lucto em sua alma tão candida e nobre.

O pranto apagou-lhe a fulgurante luz de seus olhos!

As rosas da sua mocidade iam-se transformando em funebres goivos!

Em que situação dolorosa se encontrava! E que poema de pungentes dôres soluçava a sua alma!

Só quando estreitava nos braços o seu querido filhinho, o ceo escuro de seu espirito estrellava-se de pequeninos lumes scintillantes!

Como era agro o seu penar!...

Cahia a tarde. Os derradeiros raios do sol já tinham desaparecido, e o

todos os assistentes durante a missa.

Na occasião do fallecimento do sr. dr. José Fructuoso enviou o trabalho por 3 dias.

E' deveras para louvar a accção do sr. Albino Francisco do Rio.

**Caldas de Vizella.**—D'um dos nossos mais distinctos collaboradores que estaciona actualmente n'aquellas thermas recebemos as seguintes noticias:

— Está aqui muita gente; todos os hoteis teem bastantes hospedes, e nota-se uma animação pouco frequente n'esta epocha.

As obras que a companhia ultimamente mandou fazer melhoraram consideravelmente o estabelecimento das aguas.

A quantidade de enxofre é tanta, que uma moeda de prata, lançada n'uma das banheiras torna-se preta em poucos segundos. Relogios d'ouro ou prata em poucos dias perdem, mesmo no bolso a sua côr primitiva.

A canalisação, que ha pouco tempo foi feita sob a direcção do habil facultativo Abilio Torres, está nas melhores condições de segurança e accio e superior a outros estabelecimentos d'esta natureza, que se encontram no estrangeiro.

A situação da povoação é tambem lindissima n'esta epocha. Ha passeios encantadores pelas bellas natraes que esta parte do Minho offerece.

**Exames em outubro.**—Devem apresentar os seus requerimentos nos respectivos Lyceus, desde 1 até 15 de setembro os alumnos que desejam entrar a exame em outubro.

**Dr. Antonio Candido.** — Sua exc.<sup>a</sup> chegou ante-hontem de manhã ao Porto, procedente da capital, sendo esperado na *gare* de Campanhã por muitos dos seus amigos, que d'alli o acompanharam em carruagem até ao Grande Hotel do Porto, onde se alojou.

Durante o dia, foi muito visitado pelos seus amigos politicos e particulares.

Sua ex.<sup>a</sup> parte brevemente para a sua casa de Candomil, perto de Amarante.

**Os jejuadores.** — O celebre jejuador Succi fará em breve, em Vienna, uma experiencia de jejum, que durará quarenta dias.

clarão avermelhado da tarde ia sendo vencido pelas sombras da noite.

O ceo povoado de nuvens teneas, muito diaphanas, assumia, ao crepusculo do entardecer, uma variadissima riqueza de colorido. Parecia que se celebravam os funeraes do sol. O firmamento revestia-se de crepes e na orla do poente divisava-se a derradeira linha de fogo, prestando as ultimas honras funebres.

A essa hora já Arthur sabia que teria de se bater em duello com Augusto Moreno.

Arthur conservava-se sereno e tranquillo porque a consciencia mostrava-lhe toda a sua innocencia. Não lhe era possível comprehender como uma tão horrenda accusação cahira sobre elle e sobre uma senhora que sempre respeitou.

Elle amigo sincero de Augusto Moreno arguido d'uma tal infamia!

Quiz explicar-se com Moreno, este, porem, não o quiz ouvir.

(Conclue)

A. Leão Martins.

SCIENCIAS & LETRAS

FIORÉTO

«Trago-te uma rosa linda!  
Pois não é linda, mamã?...  
Vem toda molhada ainda  
do orvalho d'esta manhã!

E o botão?! como é galante  
o botão que a rosa tem!...  
Muito escondido, o tratante,  
aqui nas folhas da mãe!

Olha, vês? Todo corado,  
só porque lhe puz a mão!...  
Eu acho muito engraçado  
este pequeno botão!...—

—«Pois muito bem, minha filha;  
dá-me a mim sómente a flor.  
Espera, eu faço a partilha...  
Mas tu choras, meu amor?!—

—«Mamã, não cortes. O que ha de  
ser do filho sem a mãe?...—  
—E ella sem elle... é verdade...  
Filha, filha, dizes bem.»

E chora e beija a creança  
e une-a muito, muito a si...  
Ella então solta-lhe a trança  
e cobre-se toda allí.

Depois por entre uns risitos,  
especie de pipilar,  
que lembrava os passaritos  
quando os paes voltam do ar,

Diz, e ainda lacrimosa  
riu-se a mãe a ouvi-la então  
«Mamã, tu fazes de rosa  
e eu cá estou como o botão.»

Abril, 85.

Fernando Caldeira.

UM BAPTISADO

Muito contente á janella, a mãe  
segue com a vista o filhinho e todos  
os convidados. Lá em cima, no alto  
da collina, os sinos da egreja repicam  
festivamente. Nos braços d'uma mo-  
cetona de faces rosadas, sorri uma  
formosa creança, toda vestida de  
branco e adornada de rendas, que  
vae ser baptisada.

Faz uma bella manhã; os cami-  
nhos estão ainda húmidos dos agua-  
ceiros da noite; o espaço enche-se  
de vibrantes risadas, soltadas pelos  
rapazes e raparigas que se dirigem  
para a egreja, situada lá em cima, no  
alto da collina.

Bandos de aves chilream nas ar-  
vores cobertas de verde folhagem.

Camponozas correm a beijar a  
creança, que sorri nos braços da mo-  
cetona toda vestida de branco e adorna-  
da de rendas.

Em seguida tiram flores sobre as

faces da creança que sorri tão doce-  
mente!

Muito contente á porta, a mãe re-  
cebe o filhinho já baptisado, aljofran-  
do-lhe o mimoso semblante com bei-  
jos de amor!

Porto. Emilia Gomes Quintães.

EM CAMINHO DA GUILHOTINA

A "viuva Capet, vai ser guilhotinada.

Ora n'aquelle dia o povo do Paris,  
Formidavel, brutal, colerico, feliz,  
Erguera-se ao primeiro alvor da madrugada.

No caminho traçado ao funebre cortejo  
O povo redemoinha;  
Que todos sentem n'alma o tragico desejo  
De ver como Sansão degolla uma rainha.

Da carreta em redor ondeiam os soldados;  
De cima dos telhados,  
Da rua, dos portaes, dos muros, dos balcões,  
Chovem sobre a Rainha as vis imprecações.

Ella, comtudo, altiva, erecta e desdenhosa,  
Olha tranquillamente  
Para o revolto mar da plebe tumultuosa.

E, — enquanto aquelle povo inquieto e repulsivo  
Anceia por ouvir o grito convulsivo  
E o derradeiro arranco  
D'essa mulher, e ri abominavelmente, —  
Um homem só, o algóz, vai triste e reverente.

Pode nascer ao pé da forca um lírio branco.

A carreta parou; desce a Rainha. N'isto  
Viram-se uns braços nús  
Erguerem para o ar a flor da multidão  
Uma loura creança, alegre como a luz,  
Suave como o Christo,  
A quem, talvez faltando em casa a enxerga e o  
pão,  
A mãe quizera dar aquella distração.

No primeiro degrau da escura guilhotina  
A Rainha de França  
Ergueu o olhar, e viu essa gentil creança  
Levar a mão á flor da bócca pequenina  
E atirar-lhe a sorrir um beijo doce e honesto.

E ella — que fóra audaz, heroica, resoluta,  
E ouvira com desdem da plebe a injuria bruta, —  
Ante a esmola infantil, graciosa, d'esse gesto,  
Chorou.

— «Chorou enfim! A infame succumbiu!  
D'entre o povo uma voz selvatica rugiu.

Gonçalves Crespo.

TEMPERAMENTOS

Uma era loira, ingenua e vergonhosa;  
A outra ardente, lubrica, morena;  
Esta era a flor vermelha e voluptuosa,  
Aquella um branco lírio — uma ascética.

Liam. Cheguei-me como faz um velho,  
Um velho e honesto professor de escola:  
Vi que a morena lia o Evangelho,  
E a loira lia o Assommoir de Zola.

Luiz Guimarães.

HISTORIA VULGAR

A primeira vez que se encontra-  
ram foi em agosto, n'uma d'essas  
explendidas manhãs cheias de boa  
luz do sol, vivificante e acalentado-  
ra.

Nunca se tinham visto, ou se is-  
so tinha acontecido, fora em condi-  
ções tão vulgares, que nem deram  
um pelo outro.

Passaram talvez, mil vezes, os dois,  
um pelo outro, sem a minima impor-  
tancia, sem ligarem a menor atten-  
ção.

N'aquelle dia, porém, os olhares  
d'elle caíram sobre aquelle corpo bel-  
lamente deleneano, e quedaram-se  
presos aos olhos d'ella, negros e vi-  
vos.

Ella n'um indifferentismo atroz  
subjugou-o com o seu despreso, a  
sua recusa, e voltou-lhe as costas  
ao notar a presistencia d'aquelle  
olhar.

Era um coração de rapaz alegre  
e descuidado, que começava a soffrer  
uma transformação radical.

Elle que nunca sentira amor por  
nenhuma mulher, embora tivesse fei-  
to a cõrte a centos d'ellas, sentira-se  
preso por uma força irresistivel. Aquel-  
le todo elegante e airoso, tinha-o ani-  
quilado. Não se sentia capaz de sair  
d'alli. E comtudo ella muito formo-  
sa e extremamente correcta conti-  
nuava a castigal-o com a sua indiffe-  
rença.

Passaram tempos. Elle tentou es-  
quecer aquella mulher que o magne-  
tizará com o seu olhar vivo e negro.  
Não o conseguiu, cada vez a amava  
mais. Já não era um d'estes amores  
vulgares que se desfazem á primei-  
ra indifferença, era uma adoração.  
Elle não via n'ella uma belleza que  
lhe inebriava a vista, ia mais longe  
e julgava a mulher sonhada para lhe  
dar a felicidade, aquella com quem  
devia repartir as suas alegrias e as  
suas tristezas.

Encontrando-a um dia disse-lh'o.  
Ella olhou-o com o vivo olhar dos  
seus grandes olhos negros, mas n'es-  
se olhar não havia já o indifferenti-  
smo d'outras epochas. Tinham-se em-  
fim comprehendido aquellas duas al-  
mas.

E as duas a par, muito juntas  
alegremente seguem por essa estra-  
da azul que leva á felicidade.

E quando elle lembra os tempos  
passados, ella entristece-se toda, e  
chora de o não ter comprehendido  
há mais tempo; e a medo balbucia  
— ora diziam-me tão mal de ti, que  
eu...

—Tens razão, tens, meu amor!...  
eu era então um doido, um valdevi-  
nos, mas hoje...

—Hoje és ainda um doido, res-  
ponden ella rindo, porque me amas  
muito, a mim, que durante tanto  
tempo te desprezei...

E as duas almas alegres e conten-  
tes seguem a par, muito juntas pela  
grande estrada azul que nos leva  
á felicidade.

8 | 17 | 1887.

Alvaro Lagrin.

Folhas aridas

P'ra que te amei eu tanto!..ao ver que essa belleza,  
Arrebatou-me-hia ás utopias loucas!  
Agora aureolou-me a fronte essa tristeza,  
Que leva a minha alma ás illusões mais boas!

Tenho-te tanto amor, que eu até creio mesmo  
Que esse colosso eterno, o proprio mar ingente,  
Jamais amou assim os vendavaes a esmo,  
Que correm no seu dorso em voltear ardente.

Bem sei que foi loucura amar-te doidamente!  
Illusão transformada em dura realidade  
Bem sei que é triste ver cair lugubrememente  
As petalas da esp'rança em longa frialdade!..

E como tu lançaste, este meu puro amor  
No ostracismo atroz, n'este vas-vem commum  
Tu transformaste esta alma em mar cheto de dor,  
Revolto, a soluçar, sem sentimento algum.

Dizes que o teu amor para comigo é puro,  
Enraizado n'alma, immerso em utopias  
Mas sinto no meu peito immersa no escuro  
A — duvida — que exhaure, as loucas alegrias...

Porto — 1885.

Vidal Oudinot.

IDILIO AFRICANO

a Augusto Mello

Tinha uma tez mimosa e levemente escura.  
O cabello ondeado  
cahia em mil anneis sobre a fina cintura  
da formosa africana, — ideal de candura  
ainda não sonhado.

Os olhos... Oh! que fogo abrasador e santo  
despedem quando fitam!  
Depois que languidez n'aquelle seu quebrantol...  
Depois que formosura, as mãos, — ethereo encanto,  
se o lequesinho agitam!

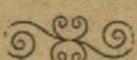
Depois os seios nús, os braços nús tambem;  
no pescoço um collar;  
nos labios um sorriso assim como o de mãe,  
pudico, affectuoso... A cinta apenas tem,  
mais leve do que o ar,

uma tanga vermelha, — uma preciosidade,  
cheia de diamantes...  
— Ó meu longinquo idílio, oh! dize-me quem ha-de  
aspirar d'essa flór, — a tua mocidade —  
os olor's captivantes?

...Ai! se eu fosse sultão d'esse reino em que habitas  
ó africana rara,  
havia de ser minha... ou essas pennasitas  
que nos cabellos tens, iam parar ás cryptas  
d'esta saudade amara.

Agosto — 87.

Francisco Campos.



CONSOLO

—Ai, vizinha, se soubesse  
O que vae no coração  
D'este pobre que a estremece  
Tinha d'elle compaixão?  
—Eu não.

—E se o visse debulhado  
Em prantos d'eterna dôr,  
Aos seus pés ajoelhado,  
Implorando o seu amor?  
—Senhor!

—Os seus labios balbuciantes  
Saberiam responder  
Palavras ternas, amantes  
A's queixas do seu soffrer?  
—Que quer?

—Que me dê os seus affagos  
De virgem, de cherubim...  
Que seus olhos sejam magos  
E se fitem só em mim.  
—Pois sim.

—Veja lá se falta agora  
A' promessa que me fez;  
Tenha compaixão, senhora,  
De quem lhe soffre a altivez  
—Talvez.

—Não me engane, lisongeira!  
Esse coração é meu  
Ou é d'outro, feiticeira,  
Que primeiro lh'o venceu?  
—E' seu.

Porto. Ernesto Pires.

OS OLHOS PRETOS

Leitor, nunca amaste uma morena? Nunca provaste o mel e o nectar dos seus incitantes e rubros labios? Nunca gozaste as suas arroubadoras caricias? Nunca contemplaste os seus olhos pretos, grandes, ardentes, rasgados, voluptuosos e fascinantes? Pois ignoras o que é a vida, o céu do amor, o paraíso da ternura, o germen do mais fagueiro sentimento e a apothose do deléite, da contemplação, do mutuo abandono e de todos os mais puros, bellos e arrebatadores transportes d'este mundo.

Os olhos verdes são os olhos da esperança; os olhos turquis são os do pudor; os olhos pardos são os da terra; os azues são os do céu; porem os olhos negros são os do paraíso do amor.

Mafoma não teria concebido o seu voluptuoso paraíso com os sete céos, se não existissem os olhos pretos. Aquellas formosas huris, brancas como os fragrantés lirios do Oriente, esbeltas como as palmeiras, languidas como a lua, preguiçosas como o deléite, ostentam em seus negros e brilhantes olhos todo o fogo do incomparavel sol da Asia e todo o germen de irresistivel paixão.

Os arabes, aquelles voluptuosos filhos do deserto, tão entusiastas como artistas, tão guerreiros como amantes, não satisfeitos com prestar-nos a sua civilisação, a sua sciencia, as suas prodigiosas artes, as suas sabias leis, as suas endechas, o seu ardente sangue e exaltada imaginação, legaram-nos tambem os olhos pretos, como a mais preciosa offerenda, como o mais bello adorno, para que as nossas mulheres trouxessem eternamente dois soes em seus divinos rostos, dois soes para abrasar as almas, captivar os corações, prender as vontades, render os affectos e incendiar e avivar nos peitos a fogueira ardente e abrasadora do apaixonado amor.

E tanto assim é, que os olhos negros admiraram-se, adoraram-se, exalçaram-se e cobicaram-se em Cordova a sultana, na portentosa Sevilha, na incomparavel Granada, na voluptuosa Loja, e na florida e pequena Barga. Os olhos negros brilharam através das verdes gelosias,

das asiaticas persianas, nos altos minaretes, entre os olorosos vergeis por dentro das escuras grades e sob os brancos e voluptuosos véos. Os olhos negros choraram nas mesquitas, em fofos divans, em banheiras de marmore, nos pintados camarins e no ocioso harem. Os olhos negros, e tão negros como a noite do esquecimento e da dôr, procuraram á luz da adormecida lua os acordes da guzla, o suspiro cadencioso da guitarra, o trinar dos indomitos corceis cordovezes; a cantilena persica, saturada de ternura e de voluptuosidade; os vibrantes clarins que chamam á guerra, aos torneios, ás corridas de touros, ao jogo das cannas, da argolinha, das fitas e das flores, e os estridentes sons da *dubsaina* que amenisava as suas poeticas e esplendidas festas populares, dignas d'aquella raça de fogo, d'aquelles espiritos sonhadores, d'aquella impressionavel como guerreira e exaltada geração.

Olhos pretos tinha-os a famigerada Grazelema; tinha-os a carinhosa Zaida, que nas azas de seus pudicos amores, mudou de traje, religião e nome, tinha-os a adorada Maria de Padilla, rainha e senhora da alma de D. Pedro o Cruel; tinha-os a apaixonada Santa Thereza de Jesus, que trocou o amor em religião e a religião em alguma coisa mais do que uma aspiração ao infinito; tinha-os a mui nobre dama Maria de Pacheco, incomparavel heroina das immaculadas liberdades da sua imperial cidade; tinha-os a desvalida Joanna Coelho; martyr do dever e mais que sublime nas suas luctas e martyrios; tinha-os a mui amante Maria Calderon, joia legitima da arte scenica e victima dos espinhos e levandades d'um rei; tinha-os a jovial duquesinha de Alba, rico florão dos famosos lenços de Goya, tinha-os Mariquita Rosaria Fernandes, a tragica mais bella, mais elegante e mais celebre da sua época, e muitas outras mulheres, mas mulheres verdadeiramente celebres, que pelo influxo magnetico de seus olhos, pela sua formosura, pelo seu engenho, pelos seus amores ou pelas suas virtudes brilharam e hão de brilhar eternamente como astros de immaculada luz nas paginas d'ouro do livro das nossas immarcessiveis glorias nacionaes.

Os olhos pretos inspiraram o *Romanceiro* mourisco; os olhos pretos acorrentaram a alma de Lord Byron; illuminaram a mente de Chateaubriand ao escrever *O ultimo Abencerraje*; pousaram no divino rosto da musa orientalista de Victor Hugo; brilharam junto do cavalheiresco Arolas, mostraram a Verdi o esplendoroso céu do Egypto ao cantar os amores da sua Aida, e são os olhos pretos ainda os que se celebram em todas as soledades, malagueñas, seguidilhas, trovas, tiranas, playeras, boleiros, saetas, peteneras e picarescas jotas da magnifica Hespanha.

São os olhos pretos os que rivalisam com o sol da Andaluzia; os que se mostram sob a languida ragem das palmeiras murcianas; os que sombreiam os typicos *migueletes* na florida Valencia; os que se miram nas aguas do historico e caudaloso Ebro; os que augmentaram as graças das amabilissimas damas da mui nobre cidade de Leão, apesar de ser uma das cidades em que menos poder exerceram as vencedoras hostes de Abderramen.

Trad. (Conclue) João da Cunha.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha peitoral ferruginosa da Pharmacia Franco em Belem

Precioso alimento reparador, excellente tonico reconstituinte; esta farinha, a unica privilegiada e legalmente auctorizada, é muito agradável e utilissima para falta de appetite, doenças de peito, para convalescentes, pessoas idosas, creanças, anemias em geral para os debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Unico legalmente auctorizado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalizados pelo consul geral do Imperio do Brazil. É muito util na convalescença de todas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda na Pharmacia Franco em Belem e nas principaes pharmacias.

CONTRA A TOSSE

XAROPE PEITORAL — JAMES

Unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e approvedo nos hospitaes. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Vende-se na Pharmacia Franco em Belem e nas principaes pharmacias.

Exames em outubro

Com longa pratica de ensino das disciplinas de FRANCEZ, INTRODUCCAO, e MATHEMATICA, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno, habilita, para os exames que têm de haver em outubro, alumnos em qualquer das disciplinas acima mencionadas, por preço extremamente modico.

Toma conta de lições particulares, indo aos domicilios; tambem lecciona em collegios.

Dirigir carta com as iniciaes A. M., a esta redacção, rua dos Caldeireiros, 250—Poço.

PHARMACIA E DROGARIA MEDICINAL

DE

FERREIRA & IRMAO

77, RUA DA BAINHARIA, 79 (3.ª casa acima da esquina da Ponte Nova)

PORTO

Drogas medicinaes, productos chimicos, pharmaceuticos e photographicos

COLLECCÃO completa dos granulos dosimetricos de Burggraeve, sedlitz Chanteud e outros productos comprados na casa do auctor. Fabrico de chocolates restaurantes e medicinaes. Especialidades annunciadas nos jornaes e todas aquellas até agora conhecidas na therapeutica. Vaccina ingleza, tinturas para o cabello, copos de quassia. Extracto de carne de Liebig. Ferros e instrumentos cirurgicos, avulso e em estojos para preço desde 3\$000 a 30\$000, podendo modificar-se os estojos á vontade em quantidade de ferros e preço, caixas d'autopsia, amputações, uretrotomia, molestias d'olhos, e para extrahir dentes. Forceps, especuluns variados, aparelhos d'Esmarch, machinas e escovas electricas, laryngoscopios, seringas para injeções subcutaneas, thermometros clinicos, stetoscopios etc., etc. e estojos vasios. Apparelhos cirurgicos em geral como: algalias, velinhas de prata, estanho, gomma elastica, fórma variada. Fundas direitas, esquerdas, de todos os systemas até hoje conhecidos, simples e duplas, para homem, mulher e crianças: ditas sem mola especiaes para crianças de 2 mezas a 6 annos. Cintos elasticos para comprimir o ventre, ditas e fundas para rupturas no umbigo de crianças e adultos. Almofadas d'ar para doentes, tubos alimentadores para os mesmos. Meias elasticas de linho, algodão e seda, com pé e sem pé até ao joelho, côxa e verilha, e em peças isoladas. Suspensorios para os escrotos, escudos e esferas para fomiculos; urinoes de diversas formas; bonets para gelo, passarios de forma variada e ventosas aspiradoras, etc., etc. Seringas de todos os systemas conhecidos, e borrachas para injeções e clysteres, da capacidade desde 12 a 1:000 grammas. Seringas e borrachas com canulas para lavatorios vaginaes. Pulverisadores para pó e liquidos. Fios de linho; esponjas; ligaduras de tecido elastico; pinças rectas e curvas articuladas com esponja para a garganta. Mamadeiras e bombas para extrahir leite, ditas para collocar nos peitos, tetas e syphões de fórmas muito variadas. Tubos elasticos de diametro desde 1 millimetro a 12 centimetros; dito furado para esgoto de tumores, etc. Thermometros para o tempo e para banhos, areometros, alcoometros, densimetros, pesa-mostos, barometros, microscopios, e lentes, almofarizes e capsulas de porcellana, alampadas a alcool, retortas, balões, tubos de vidro, frascos tubolados, provetas, copos graduados e aparelhos para limonadas gazozas.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

IMPRESA REAL—Praça de Santa Thereza, 43, 44 e 45—PORTO.